

O trabalho no universo indo-europeu: uma interpretação etimológico-onomástica

Josenir Alcântara de OLIVEIRA¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo o resgate propositivo das estruturas sociais, primitivas, de alguns povos indo-europeus, a partir das relações sociais em torno do *trabalho*. Para alcançar tal objetivo, este artigo tem como principais sustentáculos teóricos não só o conceito de Filologia segundo Bassetto (2001) e o de etimologia segundo Alinei (1995), mas também o método onomasiológico que Buck usa no seu *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages: A contribution to the history of ideas, corpus* deste artigo. Assim, como consequência dessa combinação teórica, é plausível afirmar que as comunidades indo-europeias tiveram três estruturas sociais do trabalho: o trabalho positivo, o trabalho negativo e o trabalho positivo-negativo.

Palavras-chave: Trabalho; Etimologia; Onomasiologia; Léxico; Indo-europeu.

Abstract: This article aims at the propositional recovery of the social, primitive, structures of some indo-european people, from their social relationships based on work. In order to achieve such aim, this article has as main theoretical supports not only the concept of Philology according to Bassetto (2001) and the concept of etymology according to Alinei (1995), but also the onomasiological method, used by Buck in his *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages: A contribution to the history of ideas, corpus* of this article. Thus, as a result of such theoretical combination, to assert that the indo-european communities had three social structures of work – positive work, negative work and positive-negative work – seems to be plausible.

Keywords: Work; Etymology; Onomasiology; Lexicon; Indo-european.

Introdução

Os vocábulos indo-europeus que designam *trabalho*, entendido como a capacidade humana de transformar a natureza para sua sobrevivência, seu deleite, seu conforto, apresentam, na linguagem cotidiana, um obscurecimento social, histórico e cultural, quando se lhes perscruta a sua etimologia.

Objetivo

Assim sendo, o objetivo deste artigo é fazer da etimologia um meio para o desvelamento propositivo das estruturas sociais, primitivas, de alguns povos indo-europeus, a partir das relações

¹ Doutor em Filologia Românica (USP). Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras-UFC. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: docjao@bol.com.br.

sociais em torno do *trabalho*. Tal emprego instrumental da etimologia é abonado por GUIRAUD (1972: pp. 31-32) que entende que “todas as palavras estão etimologicamente motivadas”, ocorrendo, porém, um “obscurecimento da motivação”. Recuperar, ainda que propositivamente, tal “obscurecimento da motivação” é um dos papéis, *lato sensu*, dos filólogos e, *stricto sensu*, dos etimologistas, em comunhão com historiadores, antropólogos, filósofos, sociólogos, enfim, com todos aqueles estudiosos que se interessam pelas coisas humanas.

Suporte teórico

Por o grande público estar acostumado somente com um único procedimento etimológico, do tipo “uma palavra X vem de uma palavra Y”, é indispensável alertá-lo sobre a existência de outros procedimentos, dos quais basta aqui que se distingam dois deles, como se lê em BRONKHORST (2001: 147-148):

Uma etimologia semântica é para ser distinguida de uma etimologia histórica. Uma etimologia histórica apresenta a origem ou uma história remota de uma palavra; ela nos diz, por exemplo, que uma palavra em uma língua moderna é derivada de uma outra palavra que pertence a uma língua anterior, ou a um estágio anterior da mesma língua. [...] As etimologias semânticas fazem algo diferente. Elas conectam uma palavra com uma ou mais outras as quais são acreditadas iluminar o seu significado. As etimologias semânticas não nos dizem nada sobre a história de uma palavra, mas algo sobre seu significado.

Diante desses dois tipos de prática etimológica e pela natureza do tema proposto aqui, parece ser desnecessário dizer que este artigo identifica-se mais com a perspectiva da etimologia semântica.

Essa etimologia semântica recebe outras terminologias, segundo alguns teóricos, como, por exemplo, MALKIEL (1968: 177) que vislumbra, na pesquisa etimológica, um necessário espaço para a plausibilidade da interpretação de uma informação cultural: “[...] a etimologia criativa pressupõe, por parte do seu praticante, um desejo de transcender o domínio do óbvio e do altamente provável e de operar no reino perigoso do crescentemente conjectural [...].”

Por estar no âmago deste artigo, é imperativo que se explicita, desde logo, o que se entende aqui por etimologia. Dos inúmeros

entendimentos dentre os teóricos, comunga-se com o de ALINEI (1991: 22-23) por distinguir e cingir a etimologia histórica e a etimologia semântica de Bronkhorst, esta correspondendo à etimologia criativa de Malkiel.

Etimologia é “um procedimento de descoberta passo a passo”, o qual, no contexto da continuidade geral do léxico e com base nas limitações metodológicas rigorosas, tem por objetivo traçar qualquer tipo de descontinuidade (no som, no significado, no espaço, na sociedade, na linguagem) na história das palavras opacas, com o fim último de torná-las transparentes. Esse objetivo deve ser visto como uma tentativa de reconstruir o contexto cultural específico no qual palavras motivadas passaram a existir, seguindo o mesmo processo de lexicalização o qual a lexicologia teórica tem estudado. A etimologia com um caráter especulativo, a qual lida com a opacidade formal-motivacional e a qual se mantém no âmbito dessa opacidade, deveria ser distinguida da etimologia a qual tem um caráter mais descritivo, historicamente orientado, e a qual lida com palavras motivadamente transparentes, com a opacidade do que é meramente cultural. A etimologia não visa, de forma sistemática, alcançar a “origem” das palavras em sentido estrito, i. e., relacionada com o problema da glotogonia, mas é considerada atingida onde quer que seja alcançado o último nível possível de descontinuidade. Com a exceção das alterações semânticas triviais, cada forma de descontinuidade, que representa um passo no processo de descoberta, tende a formar uma única etimologia.

No âmbito filosófico, o objetivo deste artigo ainda encontra amparo na seguinte síntese de LAUAND (2009: 59), ao comentar uma das mais significativas contribuições de Josef Pieper (1904-1997) para a Antropologia Filosófica:

[...] nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem [...]

Dessas três fontes propostas por Pieper, este artigo toma a terceira, na dimensão da palavra – em particular, no escopo da etimologia – para desencravar propositiva e plausivelmente o que está olvidado na relação primitiva entre o homem e o seu trabalho.

Para alcançar tal objetivo, não há outro método filológico mais produtivo do que o onomasiológico, uma vez que ele pressupõe imprescindivelmente a interdisciplinaridade entre as ciências que

gravitam em torno do homem, como a etimologia, a semântica, lexicografia, a filosofia da linguagem, a lexicologia, a sociologia, a antropologia cultural, a historiografia, favorecendo ao pesquisador uma leitura propositiva acerca dos dados histórico-culturais.

No âmbito dos estudos filológicos, esse método onomasiológico – ou simplesmente a onomasiologia – consiste na catalogação das várias denominações de uma única coisa, concreta ou abstrata, numa mesma língua ou entre línguas distintas, independentemente do aspecto temporal e espacial e do registro – regionalismo, gíria etc.. Estabelecida a catalogação lexical em torno de uma coisa, um bem cultural, um produto cultural, concreto ou abstrato, o filólogo ganha espaço para interpretações propositivas na relação entre uma língua e uma cultura ou entre línguas e culturas, buscando fazer com que as informações obtidas com o método onomasiológico projetem luz sobre o tecido cultural em que estão inseridas tais informações.

A catalogação dessas várias maneiras com as quais uma ideia encontra expressão na palavra de diversas línguas é um instrumento de grande valia na sondagem da visão de mundo de várias culturas.

Tal sondagem, porém, por mais ampla que seja, nunca coincidirá com o conhecimento total sobre o objeto, porque, segundo observa S. Tomás de Aquino, em *Scriptum super Sententiis*, ds25 q 1, a 1, r 8, “os princípios essenciais das coisas são por nós ignorados, frequentemente, para significar o essencial (que não atingimos) nossas definições incidem sobre um aspecto acidental”. Daí, quanto maior for a soma dos aspectos acidentais sobre um mesmo objeto, colhidos dentre várias culturas, maior será a probabilidade de se acercar da noção sobre esse objeto.

Via de regra, costuma causar estranheza o fato de tal método poder invocar unidades lexicais de línguas distintas, de épocas remotas, de lugares longínquos, de estratos sociais diversos, o que dar uma sensação de desordem metodológica a quem é alheio ao método onomasiológico. No que diz respeito a línguas distintas, por exemplo, essa invocação tem como sustentação filosófica e filológica o seguinte pensamento de VICO (2005: p. 48): “Idéias uniformes nascidas junto a povos inteiros entre eles desconhecidos devem ter um motivo comum de verdadeiro.”

Ainda na aplicação do método onomasiológico, à luz da filologia,

a catalogação das unidades lexicais, independentemente do aspecto diacrônico, diatópico, diastrático e diafásico, justifica-se pelo fato de que uma mesma realidade poder ser vista a partir de mais de uma perspectiva imagético-cultural, fenômeno esse que é concebido da seguinte maneira por LAUAND (2006: p. 34-35):

[...] não podemos expressar o que as coisas são, na medida em que não sabemos completamente o que elas são. Além do mais, muitas vezes, uma palavra acentua originariamente só um dentre os muitos aspectos que a realidade designada oferece. E pode ocorrer que, com o passar do tempo, essa realidade mude, evolua substancialmente a ponto de perder a conexão com o étimo da palavra, que permanece a mesma.

Permeando a linguística e a filologia, este artigo elege esta, estando embutido nela o conceito proposto por BASSETTO (2001), para quem ela é “,em sentido estrito, [...] a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, [...] a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura.” Tal adoção se deve ao fato de esse conceito atender tanto o resgate do significado dos textos, culturalmente embaçado pelo tempo, quanto a compreensão dos fenômenos linguísticos como parte das manifestações de uma cultura, afastando, dessarte, o tratamento desses fenômenos como algo ahistórico, acultural. É precisamente nessa segunda parte do conceito de Filologia que este artigo insere a maior produtividade do método onomasiológico.

Estabelecida essa opção conceitual, ganha-se metodologicamente mais espaço para uma interpretação propositiva da leitura, tirando proveito ora da maior tradição filológica, que faz somente do texto seu único *terminus a quo*, ora dos mais recentes avanços da ciência etimológica, dos estudos lexicográfico-lexicais e culturais, avanços esses que sempre trazem de modo embutido as contribuições de outros métodos - o histórico-comparativo, neogramático, genealógico, geografia linguística, palavras e coisas.

Neste artigo, como não se pretende ser exaustivo, apresentam-se apenas alguns vocábulos de línguas indo-europeias que significam “trabalho”, tendo como motivação crítica propositiva a sua etimologia, voltada única e exclusivamente para a compreensão da relação entre o homem e o trabalho, no resgate da memória do passado, resgate

esse que pode ser uma ponte para compreensão de alguns aspectos do trabalho hodierno, uma vez que, segundo AUSTIN (1961: pp. 149-150):

[...] uma palavra nunca – bem, quase nunca – desvincula-se de sua etimologia e sua formação. Apesar de todas as alterações tanto nas extensões quanto nas adições de seus significados, e, de fato, permeando e presidindo estes, persistirá aí a velha idéia. [...] Recuando à história de uma palavra, mui freqüentemente ao Latim, deparamo-nos comumente com quadros ou modelos de como as coisas ocorrem ou são feitas.

Aplicação do método onomasiológico

Estabelecidos a importância da etimologia para os estudos culturais e o método filológico da onomasiologia como suporte teórico para a interpretação etimológica dos vocábulos designativos de *trabalho* dentro do tecido cultural das sociedades indo-europeias, faz-se do *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages: A contribution to the history of ideas*, de BUCK (1949), mais particularmente, do tópico 9.12 (substantivos), a fonte fornecedora desses vocábulos, ainda que lhes sejam feitos recortes que não alonguem demasiadamente este artigo e que lhe evitem repetições desnecessárias. Tal eleição se deve ao fato de também essa obra etimológico-lexicográfica seguir o método filológico firmado neste artigo, o onomasiológico. Para fins práticos e didáticos, o citado tópico serão tratados em conjunto, fixando-se como crivo apenas os aspectos pertinentes à raiz etimológica, independentemente de qualquer categoria gramatical morfológica. Eis, portanto, os vocábulos escolhidos para posterior identificação das possíveis estruturas sociais dos povos indo-europeus, no que concerne à relação entre o homem e o *trabalho*: Gr. ant. *érgon*, *pónos*; gr. mod. *ergasía*, *douleíá*; lat. *opus*, *labor*; fr. *travail*, *œuvre*; al. mod. *Werk*, *Arbeit*; ing. *work*, *labour*; lit. *darbas*; let. *darba*.

Contemplando alguns desses vocábulos presentes em Buck, ARENDT (1998) os dicotomiza como segue:

Todas as palavras europeias para labor – o latim e o inglês *labor*, o grego *ponos*, o francês *travail*, o alemão *Arbeit* – significam dor e esforço e são usadas também para as dores do parto. *Labor* tem a mesma raiz etimológica que *labare* (cambaleiar sob uma carga); *ponos* e *Arbeit* têm as mesmas

raízes etimológicas que pobreza (*pêniaem* grego e *Armut* em alemão). (p. 48)

Assim, a língua grega diferencia entre *ponein* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, que têm a mesma raiz etimológica; o francês entre *travailler* e *ouvrer*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos estes casos, só os equivalentes de 'trabalho' têm conotação de dor e atribulação. O alemão *Arbeit* aplicava-se originariamente ao trabalho agrícola executado por servos, e não ao trabalho do artífice, que era chamado *Werk*. O francês *travailler* substituiu a outra palavra mais antiga, *labourer*, e vem de *tripalium*, que era uma espécie de tortura. (p. 80)

Também ao lidar com parte dos vocábulos arrolados por Buck, ALBORNOZ (1997: 8-9), seguindo de perto a filósofa Hannah Arendt, em a *Condição Humana*, repete a dicotomia entre um trabalho positivo, porque criativo, e um outro negativo, porque enfadonho:

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realiza-se, criando instrumentos, e com esses, todo um novo universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas.

Em quase todas as línguas da cultura européia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima da fadiga. Em quase todas as línguas da cultura européia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima da fadiga. O latim distingue entre *laborare*, a ação de *labor*, e *operare*, o verbo que corresponde a *opus*, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre *travailler* e *ouvrer* ou *oeuvrer*, sobrando ainda o conteúdo de *tâche*, tarefa. Assim também *laborare* e *operare* em italiano; e *trabajar* e *obrar* em espanhol. No inglês, salta aos olhos a distinção entre *labour* e *work*, como no alemão, entre *Arbeit* e *Werk*. *Work*, como *Werk*, contém a ativa criação da obra, que está também em *Schaffen*, criar, enquanto em *labour* e *Arbeit* se acentuam os conteúdos de esforço e cansaço.

Tal uniformidade da dualidade "trabalho positivo-trabalho negativo" deve ser entendida quando ALBORNOZ (1997: 14) estabelece a seguinte baliza temporal: "Já a significação que hoje é dada ao trabalho

se refere à passagem moderna da cultura agrária para a industrial.”

Não se olvidando, porém, que o objetivo deste artigo é fazer da “etimologia” um meio para o desvelamento propositivo das estruturas sociais, “primitivas”, de alguns povos indo-europeus, a partir das relações sociais em torno do *trabalho*, o vocábulo al. mod. *Arbeit* rompe, quanto à sua análise etimológica, com a relação opositiva verificada em Arendt e Albornoz.

Quando se volta para uma releitura propositiva do passado imemoriável da cultura indo-europeia, tal ruptura vem à lume quando ALBORNOZ (1997: 14), numa breve incursão etimológica sobre o al. mod. *Arbeit*, apresenta a seguinte formal, indo além de Arendt:

De todos os modos os estudiosos supõem que a história da palavra *trabalho* se refere à passagem pré-histórica da cultura da caça e da pesca para a cultura agrária baseada na criação de animais e no plantio. Em alemão, por exemplo, a palavra *Arbeit* deriva do latim *arvum*, que quer dizer *terreno arável*.

Embora seja de estabelecimento etimológico ainda disputado, julga-se plausível tal relação cognata entre o al. mod. *Arbeit* e o lat. *arvum*, realizada por Albornoz, uma vez que a variação fonética *b~v* é comuníssima, como no port. mod. *Vasco~basco*, *bravo~brabo*, restando o radical *arb~arv*, referente à raiz *ar-*, da qual emana também o lat. *arare* “arar”.

Além desse aspecto fonético, não menos importante é o aspecto histórico e cultural, captado no relato de Tácito, em *Germania*, em que se leem as seguintes atividades predominantes de sobrevivência social:

14. [...] O material para a sua munificência são guerras e roubos. Não se os convenceria a arar a terra ou a esperar pela colheita tão facilmente quanto desafiar o inimigo e conseguir ferimentos. Antes, consideram improdutivo e sem valor conseguir pelo suor aquilo que pode ser alcançado pelo sangue.

15. Todas as vezes que não vão para as guerras, dedicam-se muito às caçadas, porém vivem mais na ociosidade, entregues ao sono e à comida.

Diante dessa narrativa de Tácito, que está historicamente muito mais próxima dos valores culturais primitivos da sociedade germânica, entende-se aqui que o al. mod. *Arbeit* é um vocábulo que está no léxico do alemão moderno, mas que culturalmente não faz parte do

modo predominante de sobrevivência das tribos germânicas primitivas, podendo a sua incorporação ser atribuída aos contatos com os latinos.

Quando Arendt estabelece uma relação etimológica entre o al. mod. *Arbeit* "trabalho" e *Armut* "pobreza", deve se ter em mente que a base formal-semântica reforça a raiz *ar-* de que emana o lat. *arare* "arar" e que se estende ao al. mod. *Arm* "braço" e *arm* "pobre", como se a cultura germânica de guerreiros e caçadores dissesse: Quem se ocupa em arar a terra faz um trabalho braçal que, por não pôr a vida em risco, é pobre, sem *status* social de prestígio. Note-se que essa mesma raiz, *ar-*, está presente, por exemplo, no port. mod. *arma*, mas sem qualquer carga pejorativa, uma vez que a vida é posta em risco. Assim sendo, como elemento primeiro de todos esses cognatos, a raiz *ar-* tem como significado basilar "encaixar", como se lê no port. mod. *armadura*, *articulação*.

Paralelamente ao que aconteceu ao al. mod. *Arbeit*, pode ser aplicado ao ing. mod. *labour*, que, apesar de estar no léxico do inglês moderno, emana do lat. *labor*, cuja raiz etimológica, *lab-*, que, como se leu em Arendt, é a base formal-semântica de *labare* "cambaleiar sob uma carga".

Assim sendo, a partir desse breve comentário etimológico e cultural, entende-se que o ramo germânico do indo-europeu tende a conceber culturalmente o trabalho como algo criador, produtivo, somente numa perspectiva positiva, como, aliás, reforça a raiz indo-europeia do al. mod. *Werk* e do ing. mod. *Work*, a qual, segundo Watkins (2000), é *werg-* "realizar, fazer".

Além dessa perspectiva positiva dos germânicos sobre o trabalho, merece atenção o fato de que o lituano e o letão, línguas pertinentes ao ramo báltico, dispõem apenas de um vocábulo para traduzir a experiência humana do trabalho, respectivamente, *darbas* e *darba*, os quais estabelecem uma relação cognata com o ing. v. *deorf* "esforço; problema". A partir dessa relação etimológica, vislumbra-se uma concepção negativa sobre o trabalho.

Tal concepção negativa, mui provavelmente, está ancorada em um fundo histórico-cultural de uma comunidade que, por um lado, esteve submetida, por muito tempo, ao domínio de povos vizinhos, como, por exemplo, alemães e poloneses, e que, por outro lado, vivia predominantemente da agricultura, atividade essa que, por não pôr em

risco a vida, não gozava de prestígio social perante a *Weltanschauung* das comunidades que viviam de guerras e caças, como as tribos germânicas. Os seguintes relatos de O'CONNOR (2006) ilustram esse fundo histórico e cultural dos povos bálticos:

Antes das invasões e conquistas alemãs do século treze, os Bálticos [...] eram fazendeiros que cultivavam trigo, centeio, e painço, enquanto criavam gado, cavalos, caprinos, ovelhas, e galinhas. (p. 8)

Enquanto a maioria dos ex-servos continuaram trabalhadores agrícolas, em muitos casos, trabalhando nas terras arrendadas aos proprietários alemães, outros agora aproveitavam sua liberdade para praticar outras ocupações. (p. 16-17)

Ao lado dessas duas concepções de trabalho, a análise etimológica de outras línguas indo-europeias sugerem a coexistência de uma relação opositiva, "negativa-positiva", dentro de uma mesma comunidade, como se viu em ARENDT (1998) e ALBORNOZ (1997). Enquanto a perspectiva negativa do trabalho é ilustrada pelo gr. ant. *pón-os* (de cuja raiz emanada a ideia de "fadiga, dificuldade; padecimento; pobreza") gr. mod. *douleiá* (derivado do gr. ant. *doulos* "escravo"), lat. *labor* (mesma raiz etimológica que *labare* "cambaleiar sob uma carga"), fr. *travail* (do lat. *tripalium* "instrumento de pau com um tripé de ferro em uma das extremidades, usado para tortura), a perspectiva positiva encontra paralelo no gr. ant. *érgon*, gr. mod. *ergasía* (ambos cognatos do al. mod. *Werk* e do ing. mod. *work*), lat. *opus*, *operis* (cognato do lat. *ops* "poder, poderio; riqueza, magnificência, luxo); fr. *œuvre* (cognato do lat. *opus*).

Tal dualidade em torno do trabalho parece refletir uma estrutura social dividida entre os que arriscavam suas vidas em guerras, quer pela sobrevivência quer pela expansão do poderio político-militar, e os que praticavam as atividades agrícolas, conduzindo suas vidas segundo a simplicidade e a pulsação da natureza, como ilustram os seguintes exemplos greco-latinos da literatura universal: Homero, a quem se atribui a *Ilíada*, na qual é narrada a guerra de Troia; Hesíodo, que é autor de *Os trabalhos e os dias*; César, que compôs a *Sobre a guerra gálica*; Varrão, que escreveu *Sobre a agricultura*.

Embora este breve estudo sobre o léxico designativo de trabalho, a partir da etimologia de algumas línguas indo-europeias, objetive apenas o resgate da visão de mundo do homem primitivo, é

impressionante como a dualidade “positivo-negativo” ainda ecoa em algumas sociedades contemporâneas: Em português, um obstetra faz uma operação (ato criativo, produtivo) numa mulher que está em trabalho (ato de sofrimento) de parto; em espanhol, un obstetra hace una operación (ato criativo, produtivo) en una mujer que está en labor (ato de sofrimento) de parto.

Diante deste sucinto levantamento etimológico de algumas línguas indo-europeias, pode-se dizer que é plausível que, primitivamente, tenha havido três estruturas sociais a partir do predomínio da atividade laborial: se de guerra e caça, trabalho positivo; se de agricultura, trabalho negativo; se de agricultura, guerra e caça, trabalho negativo-positivo.

Como consequência de tudo que se disse aqui, parece fora de dúvida que a língua é tanto a expressão da cultura de um povo quanto uma parte indissolúvel dela. Indubitavelmente, nessa tríplice relação entre língua, cultura e povo, o léxico, o dicionário, e a etimologia são indiscutíveis instrumentos de aproximação e de compreensão da cultura de seus falantes, o que faz da reconstrução do vocabulário um efetivo acesso a uma visão mais completa, mais vertical, da cultura de um povo pré-histórico.

Referências

ALBORNOZ, S. **O que é Trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

ALINEI, M. **Thirty-five definitions of etymology or: etymology revisited**, in *On languages and Language - The Presidential Addresses of the 1991 Meeting of the Societas Linguae Europaea*, Werner Winter (ed.), Mouton de Gruyter, Berlin, New York., pp.1-26. 1995. Disponível em «<http://books.google.com.br/s?id=MWQb7pQvx08C&pg=PA23&lpg=PA23&dq=%22form+of+discontinuity+representing+a+step+in+the+discovery%22&source=bl&ots=PNLQrbRhoh&sig=KUAK8BIV8U7IHygTXUmuUCx0SwU&hl=pt-ofm8gTWjIHADA&ved=0CCwQ6AEwAA#v=onepage&q=%22form%20of%20discontinuity%20representing%20a%20step%20in%20the%20discovery%22&f=false>». Acessado em «31 jul. 2013».

AQUINAS, St. T. **Scriptum super Sententiis**. ds25 q 1, a 1, r 8, 1894. Disponível em «<http://www.corpusthomicum.org/snp1022.html>». Acessado em «31 jul. 2013».

ARENDT, H. **The human condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1998. Disponível em «http://sduk.us/afterwork/arendt_the_human_condition.pdf». Acessado em «09 ago. 2013».

AUSTIN, J. L. A Plea for Excuses. In: **Philosophical Papers**. Oxford: Clarendon Press, 1961.

BASSETO, B. F. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EdUSP, 2001.

BRONKHORST, J. **Etymology and magic**: Yaska's Nirukta, Plato's Cratylus, and the riddle of semantic etymologies. *Numen* 48, pp. 147-203, 2001.

BUCK, C. D. **A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages**: A contribution to the history of ideas. Chicago: University of Chicago Press, 1949.

GUIRAUD, P. **A semântica**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.

LAUAND, L. J. Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **Ensino**: da gramática à filosofia. São Paulo / Porto: *Notandum Libro*, N. 12, pp. 59-64, 2009.

MALKIEL, Y. **Essays on Linguistic Themes**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1968.

O'CONNOR, K. **Culture and Customs of the Baltic States**. Westport: Greenwood Press, 2006.

TACITUS. *Germania*. Disponível em «<http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ger.shtml>». Acessado em «08 ago. 2013».

VICO, G. **Princípios de (uma) ciência nova (acerca da natureza comum das nações)**. Seleção, tradução e notas do Prof. Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

WATKINS, C. Indo-european roots. In: MORRIS, W. (Ed.). **The american heritage dictionary of the english-language**. Boston: Houghton Mifflin Co., 2000.

Recebido em 14 de março de 2013.

Aceito em 05 de maio de 2013.